

DOCLISBOA 2012

Um filme das Caldas

Texto Francisco Ferrelra

O catálogo do Doclisboa 2012 está diferente, tem um novo formato, é mais denso de conteúdos (e está mais bonito, já agora). Será apenas um sinal? Não. Apesar de só termos acompanhado o festival parcialmente, sente-se que há mudança no ar: é clara a linha de demarcação imposta pela nova direção face aos anos anteriores. Foram criadas novas secções (em resposta a um ano de cortes orçamentais), como a "Passagens", que agora traça e assume, por fim, o casamento cada vez mais complexo que une o cinema às artes plásticas. Na competição internacional, que é um motivo de orgulho e um dos trunfos de 2012, os critérios de escolha radicalizaram-se. As propostas formais mostraram uma ousadia e um leque de possibilidades que o Doc — e sem querer ser injusto para os seus dez anos de história — talvez nunca tenha tido.

No que diz respeito à produção portuguesa, a programação destacou, chamando-o para a sua sessão de abertura, "A Última Vez que Vi Macau", de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata — filme já trazido a estas páginas aquando da sua estreia mundial em Locarno. Convém notar que esta viagem ao Extremo Oriente, cruzamento de uma memória afetiva e biográfica (de Guerra da Mata) com uma memória cinematográfica (de Rodrigues), não só inaugura um novo regime de trabalho na dupla de cineastas como responde, afinal, às intenções do festival: abrir fronteiras ao documentário, arrancá-lo à sua posição de conforto. Convém notar que, no programa, "A Última Vez que Vi Macau" não é o único a fazê-lo.

Sem podermos medir o valor de uma Competição que não tivemos oportunidade de ver por inteiro, salientamos contudo uma acendalha, a que menos se inscreve naquilo a que poderíamos chamar de 'fórmula conveniente' do documentário. Do que se viu, o filme que mais impressionou foi "Aux Bains de la Reine", do luso-suíço Sérgio da Costa e de Maya Kosa. Não é



"Aux Bains de la Reine", de Sérgio da Costa e Maya Kosa, filmado nas Caldas da Rainha

a primeira vez que Sérgio da Costa nos surpreende: em 2009, em "Entrevista com Almiro Vilar da Costa", o jovem cineasta conversava com o seu pai, um emigrante português na Suíça, interrogando ao mesmo tempo qual era o sentido dessa representação. Na curta seguinte, "Snack-bar Aquário" — premiado neste mesmo Doclisboa em 2010 —, o realizador revelava-nos uma realidade extraordinária, quase delirante, da província portuguesa, curiosamente através de um dispositivo radical e minimalista de *mise en scène* (com a câmara colocada à porta do snack-bar do título).

Mais aberto à ficção, mais permeável à aventura, "Aux Bains de La Reine" vai ainda mais longe do que os filmes anteriores. Uma mulher, Elsa, é enviada pelo pai à sua terra de origem, as Caldas da Rainha, com um encargo: "Vai ver a mãe." A dos tempos de hoje, ou a de uma lenda?

Não saberemos muito mais a partir desta situação, nem onde estão, afinal, os verdadeiros laços familiares, porque esta visita às terras de D. Leonor não será uma visita qualquer. Sem seguir um itinerário linear, e com uma personagem, a tal Elsa, que tanto

pode ser real como ficcional (pouco importa), Sérgio da Costa decide dinamitar a narrativa, alinhavando uma série de vinhetas, mais ou menos escritas e encenadas, de momentos banais do quotidiano. Só por si, o gesto não teria muito interesse. Acontece que as vinhetas, à medida que desfilam, não só revelam possuir quase todas um lado teatral e antinaturalista como um extraordinário potencial cómico sobre a cidade e a atividade dos seus habitantes (veja-se a corrida de barcos noturna, o reconhecimento sarcástico do território com as personagens filmadas de costas, os planos da construção das famosas cerâmicas da terra, ou ainda a delirante visita guiada às termas na parte final). "Aux Bains de La Reine", reza a sua nota de intenções, "tece um retrato impressionista cruzado em que se confundem os tempos e se misturam os sonhos com a realidade." Tal como "Aquele Querido Mês de Agosto", de Miguel Gomes, ou "Ruínas", de Manuel Mozos, eis um filme que acredita que tanto podemos descobrir um documentário pelas suas qualidades dramáticas como uma ficção pelas suas revelações documentais. O Doc anuncia o seu palmarés esta noite, exibindo em seguida o Urso de Ouro de Berlim 2012, "César Deve Morrer", dos irmãos Taviani. **A**

(mais informações em www.doclisboa.org)